



O POVO ASHANINKA DA AMAZÔNIA SE UNE PARA ENFRENTAR AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Francisco Piyako* †; Benki Piyako* †; Wewito Piyako* †; Marishōri Najashi Samaniego Pascual*; Jiribati Koshipirinke*; David S. Salisbury †; Carolina Schneider Comandulli †

*2015 Congresso Binacional Ashaninka/Asheninka

†APIWTXA (Associação Ashaninka do Rio Amônia)

‡Department of Geography and the Environment, University of Richmond

* Anthropology Department, University College London

MacArthur Foundation



Conferência das Partes (COP21) Convenção-Quadro da Organização das Nações Unidas para as Alterações Climáticas; Paris, França; 23-14 novembro de Dezembro de, 2015

INTRODUÇÃO

Nós, povo Ashaninka da selva amazônica, nos unimos para enfrentar os desafios das mudanças climáticas, do desenvolvimento proposto pela indústria extrativa, das invasões provocadas por projetos de infraestrutura, e outras ameaças ao nosso meio ambiente, cultura e território. São cada vez mais perceptíveis as consequências das mudanças climáticas. Todos devem unir-se para enfrentar esta ameaça ao planeta. Como um dos povos indígenas mais numerosos da Bacia Amazônica, um povo Ashaninka organizado tem um grande potencial para alcançar seus objetivos de sustentabilidade e justiça social em suas florestas, rios e territórios ancestrais. Sem a floresta os rios secam, os animais desaparecem, o oxigênio diminui, e as plantas diminuem. Este poster compartilha nossas preocupações em um mundo caracterizado pelas mudanças climáticas e pelo desenvolvimento descontrolado. Esperamos que se unam a nós para a proteção do mundo.

QUEM SOMOS

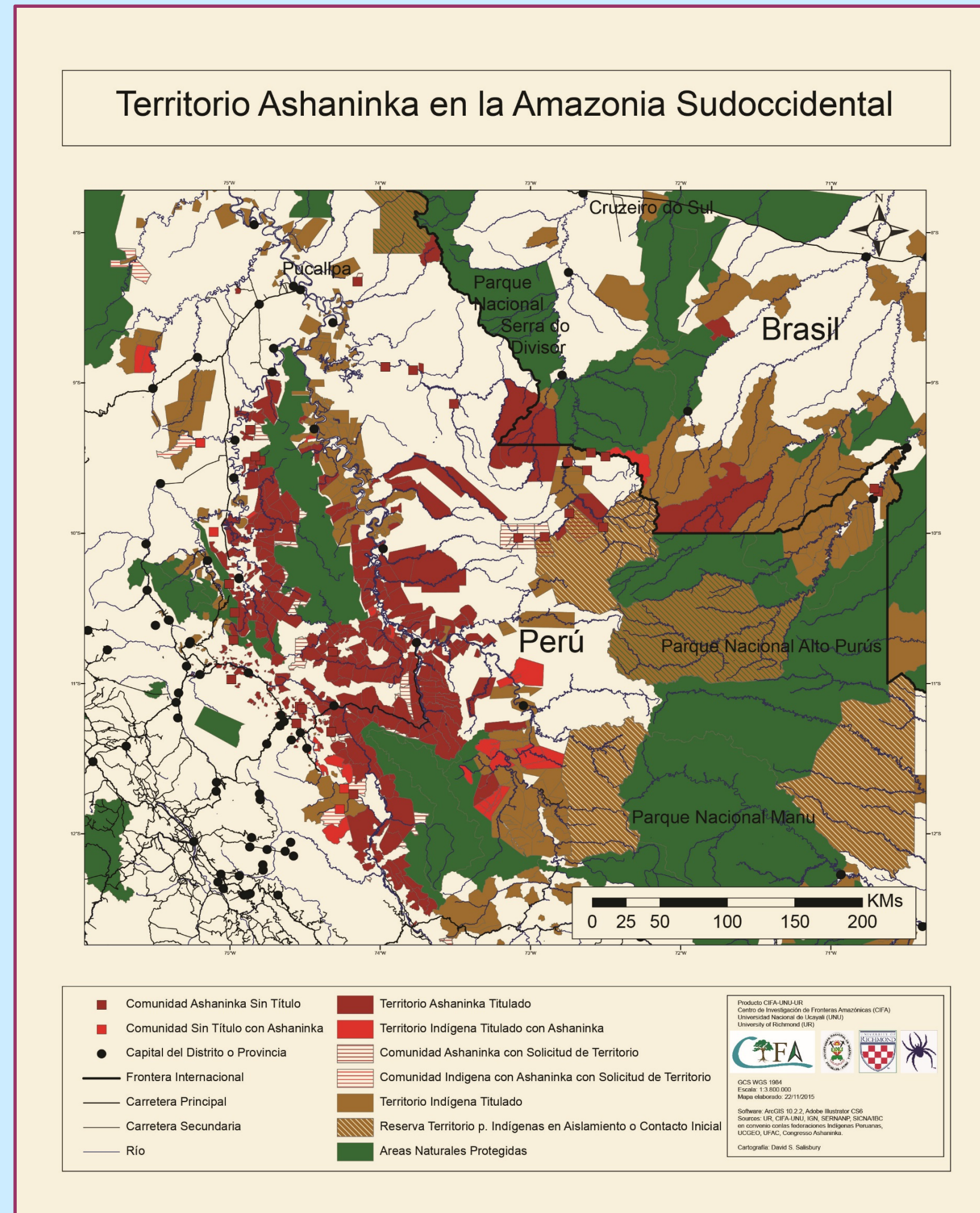
O povo Ashaninka representa um dos três grupos indígenas amazônicos mais numerosos, com uma população oficial de 98.768: 97.477 no Peru (INEI 2008) e de 1.291 no Brasil (Siasi/ Sesai2012). Nosso povo, de fala Arawak, inclui os subgrupos Ashaninka e Asheninka que vivem distribuídos em oito departamentos no Peru e no Estado do Acre, no Brasil. No Peru, a maioria se encontra nos departamentos Huánuco, Junín, Pasco e Ucayali. Lima possui menos de dois mil Ashaninka que vivem nos distritos de Chosico e Ate. Os Ashaninka de Loreto incluem comunidades não tituladas no Rio Javari, na fronteira com o Brasil, e nos distritos de Sarayacu e Alto Nanay (INEI 2010, IBC 2015). O restante se situa em Apurímac e Ayacucho.

LUGAR

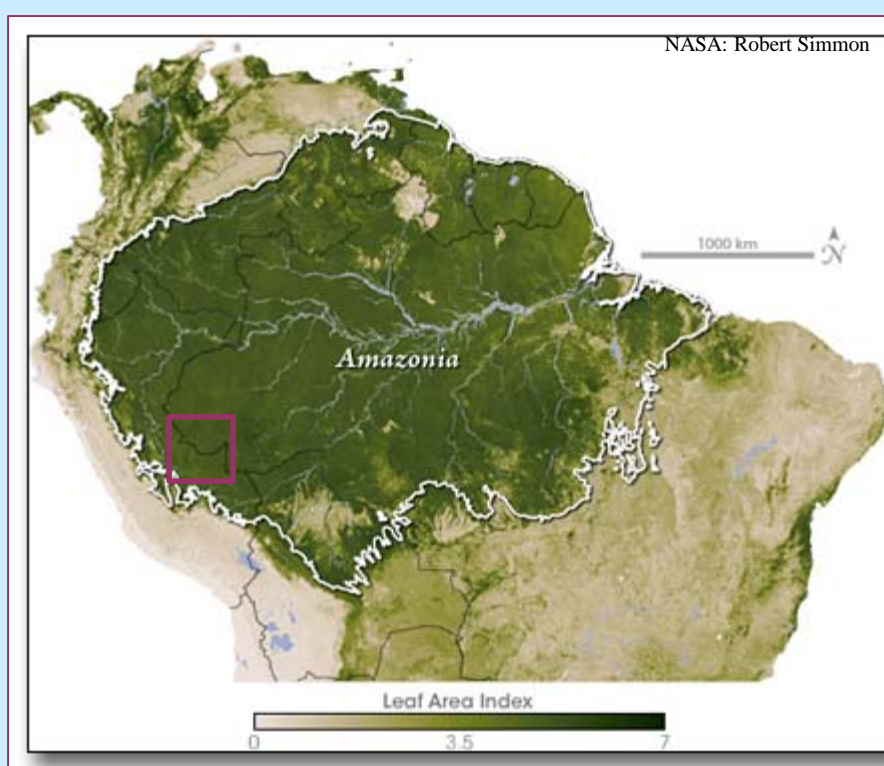
Os Ashaninka vivem em 357 comunidades indígenas tituladas no Peru (353) e no Brasil (4) (Figura 1). Juntas, estas comunidades tituladas cobrem 28.209 quilômetros quadrados de território - uma área maior que o Haiti. Em 338 desses territórios, os Ashaninka (302) ou Asheninka (36) são a etnia mais numerosa em sua comunidade, com uma gestão de 25.983 quilômetros quadrados de território. Enquanto o tamanho médio dos territórios geridos pelos Ashaninka é de 7.687 hectares, o tamanho das comunidades varia desde a mais pequena com 14 hectares – a comunidade peruana de Acompikipasharien Ayacucho – até a enorme comunidade fronteiriça brasileira de Kampa e Isolados do Río Envira, com 232.795 hectares. As comunidades diferem substancialmente também em suas características. Na selva central do Peru, muitas comunidades Ashaninka estão dentro de uma rede de rodovias e projetos de assentamento de colonos, e perderam grande parte de suas florestas e da fauna. Por exemplo, em 2015 alguns residentes de São Miguel Centro Marankiari, uma comunidade de 170 hectares e 60 famílias, disseram: "Lo que se come en San Miguel es puro huevo y atún. No hay bosque. No hay nada." Muitas comunidades Ashaninka, como as da fronteira, têm territórios que chegam a ser 40 vezes maiores, com florestas antigas e fauna abundante. Um dos benefícios de um povo Ashaninka unido é a capacidade dos Ashaninka que já enfrentam os projetos de desenvolvimento de compartilharem suas experiências com seus parentes que ainda comandam grandes reservas florestais e rios límpidos. Além das 357 comunidades tituladas, há pelo menos 31 comunidades aguardando reconhecimento.

HISTÓRIA E DIÁSPORA

Os Ashaninka vivem na selva central do Peru desde os tempos coloniais. A história dos subgrupos Ashaninka e Asheninka é geralmente entendida como resistência contra invasores ou como obstáculos ao desenvolvimento (Veber 2014). Por exemplo, os Franciscanos sofreram grandes perdas ao estabelecer missões em função da revolta Ashaninka de 1742 na qual eles expulsaram todos os missionários, aniquilaram duas companhias militares, e mantiveram mais de um século de resistência e de independência apesar de repetidas tentativas de invasão (Varese, 1968; Weiss, 1975). Há duas décadas, os Ashaninka enfrentaram múltiplas invasões de terroristas com a formação dos comitês de auto-defesa nos anos 1990s que ajudaram a trazer paz para a selva central e para todo o Peru. No último século os Ashaninka têm sido pressionados pelas fronteiras do desenvolvimento, por uma economia agropastoril ao oeste e pela economia extrativa e expansionista a leste (Veber 2014). Estas frentes exploraram os Ashaninka com a escravidão (até 1960) e a escravidão pela dívida (seguem em regiões remotas) nos recôntos da selva central e das zonas fronteiriças (Salisbury et al. 2011). A diáspora Ashaninka resulta da busca por recursos naturais para sua sobrevivência e expandiu o alcance territorial do povo Ashaninka. A começar pela época da exploração da borracha e continuando até os dias de hoje, os padrões da borracha, os escravagistas, e outros, provocaram a dispersão do povo Ashaninka em várias direções (maiormente do subgrupo Asheninka). Trabalhadores e escravos Ashaninka chegaram a Madre de Dios, Loreto, Lima, Brasil e Bolívia, e deixaram seus descendentes (Von Hassel 1905; Clark 1954; Bodley1972; da Cunha 1976). Às vezes, foram trocados como moeda de câmbio por seus pais (Velarde 1905), por vezes escravizados por outros Ashaninka (Fry1907; Clark 1954; Varese 1968; Samanez e Ocampo 1980), levados às vezes por seus próprios homens fortes (Portillo 1905; da Cunha 1976; Santos-Granero y Barclay 2000), ou ainda escravizados ou coagidos pelos padrões (Clark 1954; Varese 1968; Bodley1972), os Ashaninka fronteiriços da atualidade possuem vínculos com esta diáspora extrativa e complexa (Pimenta 2002). Muitos aproveitaram o extenso conhecimento geográfico de seus avós para chegar a zona fronteiriça para fugir da escravidão, da violência, ou simplesmente para encontrar melhores fontes de caça. Nos últimos 15 anos, uma onda do subgrupo Ashaninka chegou às bacias do Purus e Juruá fugindo da violência e em busca de recursos.



Território Ashaninka na Amazônia Sul-Occidental



Território Ashaninka na Amazônia



Edwin Chota, líder de Saweto, assassinado em 2014



Jovens Ashaninka realizam intercâmbio com jovens não-indígenas para reflorestar e cuidar de suas terras ancestrais na Amazônia



Manejo orgânico de hortaliças ajuda a fortalecer a segurança alimentar e um futuro sustentável



Francisco Piyako, comunidade Apiwtxa, e Ergilia Rengifo, comunidade Saweto, dois dos 137 líderes de 54 comunidades participando no Primeiro Congresso Binacional Ashaninka

DECLARAÇÃO DO POVO ASHANINKA/ ASHENINKA NO PERU E BRASIL

Hoje, 22 de setembro de 2015, na cidade de Pucallpa, reunidos no Primeiro Congresso Binacional do Povo Asheninka/Ashaninka do Peru e Brasil, nós, que subscrevemos, representantes de 54 comunidades nativas e de 24 federações e organizações, declaramos ao mundo a união de um dos maiores povos indígenas da Amazônia e manifestamos nossa preocupação em relação ao que está acontecendo com nossa identidade, cultura, territórios e com a natureza.

Em nome de nossa cultura e de nossa luta histórica comum, nos unimos em defesa de nossos direitos e assim declaramos nosso repúdio à:

1. Exploração dos recursos naturais por parte de empresas petrolíferas, mineiras e madeireiras e por parte dos que praticam ações extrativas ilegais em nossos territórios;
2. Violência gerada em nossos territórios pelo narcotráfico, e sua impunidade;
3. Corrupção dos governos locais, regionais e nacionais que favorecem atividades destrutivas em nossos territórios e o não cumprimento das leis a respeito dos povos indígenas e do meio ambiente;
4. Discriminação e indiferença por parte da sociedade praticada contra os Asheninka-Ashaninka.

Assim, propomos:

1. A segurança jurídica de nossos territórios (titulados ou não) por meio do cumprimento das leis nacionais e internacionais a respeito dos povos indígenas, como a Convenção 169 da OIT, a Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas das Nações Unidas, entre outros;
2. O manejo adequado das florestas e das águas da Amazônia, com consulta prévia efetiva aos povos indígenas da Amazônia;
3. O fortalecimento das organizações e autoridades Asheninka/Ashaninka para um futuro sustentável com florestas em pé e águas limpas, que favoreça a saúde de todas as gerações;
4. Uma educação intercultural, bilíngue e de qualidade a partir da integração e proteção da sabedoria, da ciência e da tecnologia ancestrais do povo Asheninka/Ashaninka;
5. O reconhecimento dos locais sagrados do povo Asheninka/Ashaninka como patrimônio da Humanidade, para que sejam protegidos em caráter permanente e também sejam utilizados como ferramenta para a educação de indígenas e não-indígenas.;
6. O compromisso de apoiar uma reunião do povo Asheninka/Ashaninka por ano para avançar com os objetivos da Nação Asheninka/Ashaninka que beneficiarão a Amazônia e o mundo.

PADRÃO DE VIDA

Os Ashaninka historicamente habitaram áreas de terra firme em lares familiares relativamente isolados e móveis para melhor caçar, coletar, pescar e praticar a agricultura, até realocarem-se na medida em que os recursos escasseavam (Varese 1968; Denevan1971; Hvalkof & Veber 2005). Comunidades maiores passaram a ser mais comuns com a chegada das escolas e das terras tituladas – as quais requerem um padrão de assentamento nucleado. Hoje em dia, as comunidades Ashaninka provêem muitos produtos agrícolas para venda, ofertam trabalhadores como mão de obra em atividades extrativas (madeira, coleta de recursos), ou fabricam artesanato, além de praticar as atividades de subsistência como agricultura, caça e coleta. Os Ashaninka que vivem próximos às estradas ou centros urbanos dependem menos dos recursos naturais – muitas vezes sobre explorados – que os Ashaninka que ainda possuem florestas extensas e fauna em abundância. Os Ashaninka estão se organizando em parte para ver como os Ashaninka de diferentes regiões podem aprender uns com os outros para terem um futuro melhor. Por exemplo, os Ashaninka da Apiwtxa, no Brasil, são um exemplo no manejo sustentável dos recursos naturais e em sua história de preservação das florestas, que os auxiliou a conseguirem aprovar um projeto de 1.8 milhões de dólares pelo BNDES para promover um manejo agroflorestal no Alto Juruá com uma alternativa ao desmatamento (BNDES 2015).

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Os Ashaninka do Juruá percebem as seguintes mudanças no clima local (Han et al. 2013):

- O clima tem sido cada vez mais difícil de prever, com chuvas na época de seca e secas na época de chuva.
- Aumento de temperaturas e intensidade solar.

Os Ashaninka identificaram os seguintes três objetivos como os mais importantes para superar os futuros desafios das mudanças climáticas:

- Educação ambiental e capacitação para adaptação às mudanças climáticas em todas as comunidades.
- Projetos integrados de manejo sustentável de recursos naturais e produção.
- Manejo de reservas comunais (sustentabilidade e conservação) na região do Juruá.

Uma oficina de 77 participantes (Ashaninka, Asheninka, Amahuaca, Chitonahua, Shipibo e Jaminawa) e mestiços propuseram as seguintes prioridades (Han et al. 2013):

- Sensibilização e educação a respeito das normas de conservação de recursos de flora e fauna.
- Aproveitamento de modo sustentável dos recursos naturais.
- Intercâmbio entre grupos étnicos transfronteiriços em nível técnico.

PRIMEIRO CONGRESSO BINACIONAL ASHANINKA

137 Ashaninka, representantes de 54 comunidades e 24 federações do Peru e do Brasil se reuniram para o Primeiro Congresso Binacional Ashaninka entre os dias 21 e 22 de setembro de 2015. O Congresso resultou em duas declarações (1 global e 1 para o Peru) proclamando a importância do povo Ashaninka para preservar o meio ambiente e para identificar as ameaças principais ao território, à cultura, e ao padrão de vida dos Ashaninka, bem como das florestas e rios da Amazônia. O Congresso foi liderado pela comunidade brasileira de Apiwtxa e pela organização Ashaninka peruana de ACONAMAC, juntamente a outras organizações.

FUTURO

Nós, os Ashaninka, estamos comprometidos com um futuro sustentável e justo. Para atingir nossas metas, decidimos organizarmo-nos entre o Brasil e o Peru, para que a nossas comunidades possam aprender umas com as outras e estar melhor preparadas para enfrentar os desafios das mudanças climáticas e do desenvolvimento descontrolado. Queremos mostrar que é possível termos um modelo de desenvolvimento com qualidade de vida sem destruir o planeta. A união do povo Ashaninka é uma oportunidade de unir os conhecimentos sem discriminação. Esperamos que outros povos se unam conosco para melhorar o mundo.

BIBLIOGRAFIA

- Banco Nacional do Desenvolvimento do Brasil. 2015. *BNDES assina contrato de R\$ 6,6 milhões com Índios Ashaninka do Acre*. www.bndes.gov.br
- Bodley, J., 1972. *Tribal survival in the Amazon: The Campa case*. IWGIA Document, 5. Copenhagen: IWGIA.
- Clark, L., 1954. *The rivers run east*. London: Hutchinson.
- da Cunha, E., 1976. *Um paratiro perdido: resumo dos ensaios amazônicos*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Denevan, W. M., 1971. *Campa subsistence in the Gran Pajonal, eastern Peru*. *Geographical Review*, 61, 496-518.
- Fry, C., 1907. *Diário de los viajes i exploración los ríos Urubamba, Ucayali, Amazonas, Pachitea i Palkazo por don Carlos Fry*. In: C. Larrabure y Correa, ed. *Colección de leyes, decretos, resoluciones i otros documentos oficiales referentes al departamento de Loreto (1777-1908)*. Vol. 11. Lima: Imp. de "La Opinión nacional", 369-566.
- Han, S. M., Salisbury, D. S., Chávez, A. B., Brown, I. E., 2013. *Informe Final Taller "Riesgos del Cambio Climático en el Yarusá"*. Breu, Yarusá, Perú. 1-20.
- Hvalkof, S. and H. Veber. 2005. *Los Asheninka del Gran Pajonal*. In: F. Santos and F. Barclay, eds. *Guía Etnográfica de la Alta Amazonia*. Vol. 5. Instituto Francés de Estudios Andinos, Lima, Peru. 75-280.
- IBC/SICNA (Instituto del Bien Común) Sistema de Información sobre Comunidades Nativas). 2015. *Shupefile obre comunidades nativas y reservas territoriales para pueblos indígenas*. Actualizado en Octubre, 2015. Lima, IBC/SICNA.
- Instituto Nacional de Estadística e Informática. 2008. *Perú: Crecimiento y distribución de la población, 2007. Censos nacionales 2007. XI de población y VI de vivienda. Primeros resultados*. Lima: INEI.
- Instituto Nacional de Estadística e Informática. 2010. *Perú: Análisis Etno-sociodemográfico de las Comunidades Nativas de la Amazonia, 1993 y 2007*. Lima.
- Pimenta, J., 2002. *Índio não é todo igual". A construção Ashaninka da história da política interétnica*. Thesis (Ph.D.) Universidade de Brasília.
- Portillo, P., 1905a. *Exploración de los ríos Apurimac, Ene, Tambo, Ucayali, Pachitea i Pichis por el prefecto de Ayacucho, coronel Pedro Portillo*. *Diario de la Expedición*. - 31 de Diciembre 1900. In: C. Larrabure y Correa, ed. *Colección de leyes, decretos, resoluciones i otros documentos oficiales referentes al departamento de Loreto (1777-1908)*. Vol. 3. Lima: Imp. de "La Opinión nacional", 463-550.
- Salisbury, D.S., J. Borgo López, and J.W. Vela Alvarado. 2011. *Transboundary Political Ecology in the Amazon Borderlands: History, Culture, and Conflicts of the Borderland Asháninka*. *Journal of Cultural Geography* 28, no. 1: 147-77.
- Samanez e Ocampo, J. B., 1980 [1888]. *Exploración de los ríos peruanos Apurimac, Ene, Tambo, Ucayali y Urubamba, hecha por José B. Samanez y Ocampo, en 1883 y 1884 diario de la expedición y anexas*. Lima, Perú: Consuelo Sámanez Ocampo e Sámanez e hijos.
- Santos-Granero, F. and Barclay, F., 2000. *Tamed frontiers: economy, society, and civil rights in upper Amazonia*. Boulder, CO: Westview Press.
- Sistema de Información da Aterção à Saúde Indígena (SIASI) Secretaria de Saúde Indígena (Sesai). 2012.
- Varese, S., 1968. *La selva de los cerros: notas etnográficas e históricas sobre los campes de la selva del Perú*. Universidad Peruana de Ciencias y Tecnología. Departamento De Publicaciones, Antropología. Lima: Universidad Peruana de Ciencias y Tecnología.
- Veber, H. (2014). *Memories of the Ucayali: The Asháninka Story Line*. In: S. Oakland and M. Course, eds. *Plant Selves: Autoethnography, Person, and History in Lowland South America*, 93-117.
- Von Hassel, J., 1905. *Estudio de los varaderos del Purús, Yarusá i Manu por el ingeniero Jorge M. Von Hassel*. In: C. Larrabure y Correa, ed. *Colección de leyes, decretos, resoluciones i otros documentos oficiales referentes al departamento de Loreto (1777-1908)*. Vol. 4. Lima: Imp. de "La Opinión nacional", 209-215.
- Weiss, G., 1975. *Campa cosmology: the world of a forest tribe in South America*. New York: American Museum of Natural History.
- Photographers (Clockwise from top): Eliane Fernandes, Eliane Fernandes, Carolina Comandulli, Emory Richey.